



O grande encontro



LENA FRIAS

No alto da pedra do Corcovado, Tídio Kariri Xocó inicia o toré, tradicional cerimônia de cantos e danças indígenas, através da qual os índios brasileiros celebram e entram em contato com o Grande Espírito. Participam representantes de cinco entre as 215 tribos que restaram das 970 nações indígenas existentes na época da descoberta do Brasil. Eles estão no Rio para o *Grande Encontro Tradições da Terra*, que acontecerá em dois dias, amanhã e depois – o primeiro, na Vila Riso (estrada da Gávea, 789, em São Conrado), a partir das três da tarde. O segundo, na quarta-feira, na Pontifícia Universidade Católica-PUC, na Gávea, a partir de meio dia. *Tradições da terra*, é um evento do projeto Ambá, ligado à ONG Instituto Arapoty, do Rio, coordenada pelo índio guarani Kaká Werá Jecupé, que fará palestras sobre as tradições indígenas e a situação dos povos da floresta. De acordo com Kaká Werá, “o objetivo do Instituto Arapoty é difundir os valores milenares das tradições indígenas brasileiras”.

No centro da roda formada pelos índios, o mestre de dança Tídio Kariri Xocó, de Alagoas, maneja o chocalho, a cuja chamada se inicia a bela cerimônia, sob os olhos de pedra do Cristo erguido no Corcovado, de frente para a Zona Sul carioca. Estão ali altos dignitários, como a Senhora Laurita Krenak – mestra de línguas indígenas e memória viva da tradição de seu povo, liderando a representação krenak vinda de Minas Gerais. Tupã Kwarav, cacique guarani da aldeia Tekoaporá, do litoral do Espírito Santo. Os jovens Carcaju e Katão Pataxó, de Coroa Vermelha, Santa Cruz Cabrália, “onde vocês dizem que o Brasil foi descoberto”. Um momento de solenidade profunda em que o Brasil milenar – muito anterior ao próprio patronímico – dança o toré nas bordas da baía de Guanabara. O coro de vozes se ergue em sons quase mántricos, enquanto os pés batem forte no solo, evocando a mãe terra. A roda do toré gira no chochoalhar do maracá e em torno dela se movimentam o cacique Kwarav, fumando a xanduca – o cachimbo ritual cinzelado no galho do angico. O cacique sopra a fumaça das ervas sagradas sobre os celebrantes, a dança se intensifica, o canto desdobra-se em gritos e vocalizes – sons de impressionante harmonia natural. A roda abre e fecha ritmicamente, num movimento pulsante. O que restou da Mata Atlântica nas faldas dos morros e nas montanhas ao fundo da baía recolhe-se a um silêncio nobre e profundo. Silenciamos ao mar e a lagoa Rodrigo de Freitas. Até mesmo o sol, que espia a cidade erguida sobre ocos, tribos e nações, recolhe-se entre as nuvens avermelhadas do fim da tarde.

O toré, como muitas outras manifestações da cultura e da arte indígena, será apresentado no Grande Encontro Tradições da Terra, organizado por Kaká Werá Jecupé. Kaká, cujo nome na sua língua de nação significa *raio dourado*, é uma figura bonita e serena, os cabelos cortados em cuia, à moda de sua gente, os olhos atentos. Fala pouco e ouve com paciência as amostras daquele nosso aprendizado escolar cheio de erros e omissões sobre os índios. Mas na referência à extinção, corrige cortemente: “Não estamos em extinção, mas num tempo de renascimento. Como existem conflitos nas aldeias – problemas de saúde, invasões de terra, questões de desequilíbrio ambiental, a primeira coisa que vem à idéia, quando se olha de fora, é a dizimação dos povos indígenas.” De acordo com Kaká Werá, “os conflitos são reflexos de uma grande crise da sociedade chamada *civilizada*, que está chegando ao ápice e vai levar essa mesma sociedade à destruição. A menos que se humanize através da valorização, da compreensão e da sensibilidade para as suas raízes ancestrais”. Kaká explica que “bem ou mal as terras in-

B

Representantes de cinco das 215 tribos que restaram no Brasil se reúnem no Rio para falar do renascimento, dos valores e tradições indígenas



Ao alto, Kaká Werá com jovens índios, o cacique Tupã, o mestre de dança Tídio e a mestra de língua indígena Laurita Krenak no Corcovado. A jovem índia se deslumbrou com a vista (E) e, ao lado, o toré dançado pelo grupo indígena

dígenas vem sendo demarcadas e, por força das circunstâncias, estamos redimensionando os nossos costumes, a partir das nossas raízes e tradições. Adquirindo, portanto, capacidade maior de organização e desenvolvimento.” O raio dourado guarani acha oportuno lembrar “que, de acordo com dados do IBGE e da Funai, para cada brasileiro que nasce, nascem três índios.” A política e o governo brasileiro dão-se conta do que isso significa? “A política brasileira é deficiente em relação ao índio, porque parte de um pressuposto paternalista, que esconde um ar de superioridade. Parte do pressuposto de que somos “coitados”, “incapazes”. Para o Brasil oficial, o índio ainda é um indivíduo menor de idade, ainda não é nem cidadão. Aí está a raiz do problema”.

O encontro *Tradições da terra* quer “revelar a face mais profunda do Brasil. Quando se fala em 500 anos de descoberta, nós povos indígenas temos que participar da discussão, dentro da nossa perspectiva. E mostrar os cantos, danças, arte e costumes de uma cultura que já tem milhares de anos e não apenas os 500 do que para vocês é descoberta e para nós, invasão”. O jovem Carcaju Pataxó – descendente da primeira nação indígena a entrar em contato com os portugueses vai direto ao ponto: “Como se poderia descobrir uma terra que já estava habitada por povos milenares? O que vocês festejam como descoberta para nós foi o começo da destruição”.

Os encontros de consciência indígena começaram no ano passado, em diversos pontos do país e prosseguirão até 2000. Sebastião Manchinery, do Acre, que faz parte da Comissão Nacional Indígena dos 500 Anos, ligada à União das Nações Indígenas, está preparando a Conferência dos Povos e Organizações Indígenas, que acontecerá no sul da Bahia, de 17 a 26 de abril de 2000. Estão previstas para a ocasião a instalação de um Tribunal Indígena, bem como a marcha e a ocupação simbólica do Monte Pascoal, primeiro ponto da costa brasileira avistado pela frota cabralina. Estão com Sabá Manchinery, no mesmo projeto, o líderes Jovino Sales, da nação Kaingang, Maurício da Silva Gonçalves, guarani do Centro-

Oeste, o potiguara de Pernambuco Antônio Pessoa Gomes e o terena do Mato Grosso do Sul Lenino Cândido. De 22 a 26 de novembro deste ano, a Comissão Nacional Indígena dos 500 Anos estará realizando um encontro preparatório à Conferência na Aldeia Coroa Vermelha, sul da Bahia, região pataxó há-hã-hã, de onde vieram Carcaju e Katão Pataxó. Esperam reunir dois mil participantes, entre os 215 povos indígenas.

Tantos povos, tantos idiomas diferentes. Como conseguem estabelecer um denominador comum de interesses? “Todos nós, os Guarani, os Krenak, os Pataxó, os Kariri, os Kaxinawá, os Txucarramãe, os povos indígenas somos todos parentes. É a nossa filosofia”, esclarece Kaká Werá Jecupé. Como podem ser parentes povos que, no passado, rivalizavam e lutavam entre si? “Somos todos essência do grande espírito, por isso somos parentes. Para os não índios é talvez difícil de compreender, mas para nós é simples. Na base do nosso renascimento e da nossa reorganização está a consciência de que somos parentes no Grande Espírito”.

Há, portanto, um viés espiritual ligando os diversos povos e isso se exprime na hora mágica e intensa do toré. “A espiritualidade indígena está da expressão da nossa cultura”, reafirma Kaká. “Uma cultura que não se permitiu reduzir pela folclorização. “Não nos deixamos folclorizar. Nas nossas línguas não existe, por exemplo, a palavra artesanato. Nós dizemos *arte* – *avareté*, palavra tupi que significa “feito com vida”. A arte é expressão da nossa alma”. Tanta integridade e tanta força! Onde residirá o poder desses povos, que há cinco séculos vêm resistindo a tantas e variadas pressões e violências? Kaká Werá Jecupé sorri levemente e o olhar orgulhoso do raio dourado guarani abrandando-se na resposta: “Nosso poder reside no coração.”

■ Continuação da capa

Comemoração perpetua violação, diz manifesto

O Manifesto da Comissão Indígena 500 anos, datado de dezembro de 1998, foi assinado por Sabá Manchinery, líder de sua nação, a Mamuadate, do Acre, em nome de 98 representantes de diferentes povos indígenas, reunidos ano passado naquele estado para discutir a questão do índio na agenda dos cinco séculos do descobrimento. Sabá é membro da União das Nações Indígenas/Norte. O que se acrescentou entre parênteses foi para a melhor compreensão do texto:

"Antes dos 500 anos reinava a vida harmoniosa entre os homens e natureza, sentiam-se (os homens) parte do universo, sem apropriar-se jamais de um pedaço de terra.

Lembrança de um passado em que todos tinham lugar, éramos possuidores de tudo, menos de anticorpos para doenças, de armas mortais à base de pólvora e chumbo, trazendo a crueldade, a ganância, os massacres, o extermínio de inúmeros povos e suas culturas e espiritualidade.

Chegaram (os conquistadores) com fome de ouro e sede de sangue, empunhando em uma das mãos armas e na outra a cruz para abençoar e recomendar as almas de nossos antepassados, (o) que daria lugar ao desenvolvimento, ao cristianismo, à civilização e à exploração das riquezas naturais. Sendo estes fatores determinantes para o extermínio e dizimação dos nossos povos.

Naquele então livre espaço, habitavam 970 diferentes povos, com uma população em torno de cinco milhões de pessoas auto-denominadas Yine, Madija, Popungare, Hunikuin, Ashanika e tantos outros. Ao

passar dos tempos, 498 anos mais tarde, existimos somente 215 povos, falando 180 idiomas, e uma população reduzida a 330 mil habitantes.

O dia 22 de abril de 1500 para nós representa a origem de uma longa e dolorosa história. Em continuidade aos atos de violação de nossa integridade física e diversidade sócio-cultural, os governos do Brasil e de Portugal comemorarão o V Centenário do "descobrimento". (Os governos) pretendem comemorar os 500 anos da construção triunfal de uma nação supostamente unida e harmônica, erguida com a "contribuição voluntária" dos povos indígenas, dos negros "transladados" para estas terras e dos brancos europeus. Sendo a história oficial incorreta, tendenciosa e destinada apenas a colocar os invasores como protagonistas únicos e vencedores incontestáveis, tendo seus personagens sido guindados à posição de heróis de uma versão mistificada e falsa do processo histórico.

Para nós, povos indígenas, esta comemoração significa a continuidade da violação de nossos direitos, inviabiliza a constituição de uma Nação multiétnica e legítima a impunidade, tomando como exemplos os assassinatos e outros delitos como os casos: o massacre dos Ticuna, em 22 de março de 1988, na localidade conhecida por Capacete, em Benjamim Constant, Amazonas; o assassinato do líder indígena Marçal Tupã, em 20 de maio de 1983, na cidade de Dourado, em Mato Grosso do Sul; o caso Galdino de Jesus dos Santos, queimado vivo em Brasília, no dia 19 de abril de 1997. Mais 40 líderes indígenas

foram assassinados, nenhum dos acusados teve as devidas condenações pela justiça, com a clara idéia de que matar índios no Brasil nunca se constituiu crime. Nós povos indígenas temos fome de paz e sede de justiça.

Afirmamos também nossa divergência clara e transparente com relação às comemorações festivas do V Centenário, por atentar e desrespeitar nossos antepassados, mortos em defesa de seus filhos, netos e gerações futuras. E por negarem nossos direitos à vida como povos culturalmente diferenciados.

Não iremos festejar os milhões de massacrados, em que foram vítimas nossos antepassados, em nome da civilização, do cristianismo ou do desenvolvimento que destruiu e violou nossas leis, nossos sistemas de vida, e nos devolveu preconceito, discriminação e aumento dos excluídos nas periferias das cidades.

Pretendemos sim, celebrar as conquistas ao longo dos séculos, plenas de heróis anônimos, que à história oficial (se) nega a reconhecer. Celebraremos sim as vitórias que nos custaram tantas vidas, sofrimentos, porém trouxeram a determinação e esperança de um mundo mais humano, de solidariedade. Celebraremos também o futuro, herdeiros (que somos) de um passado de valorização da vida, de ideais, de sonhos deixados por nossos antepassados. Apesar das desigualdades e injustiças, estamos cientes da importância de contribuir para a consolidação de uma humanidade livre e justa, onde índios, negros e brancos vivam com dignidade." (L.F.)